

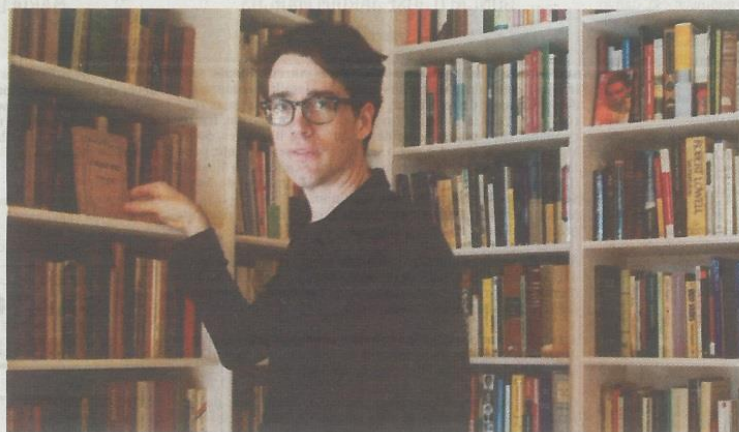
Benjamin Moser, biógrafo da escritora brasileira, conversa esta tarde com a jornalista Raquel Marinho

# Clarice Lispector em palco no Festival Literário da Madeira

DIA TRÊS

Susana de Figueiredo  
susanafigueiredo@jm-madeira.pt

**Autor norte-americano descobriu a narrativa lispectoriana enquanto estudava português na faculdade. Há mais de dez anos que luta pela afirmação da obra de Clarice Lispector ao nível internacional.**



Sessão terá início pelas 18h00, no Baltazar Dias. Amanhã, às 10h30, Moser estará no MUDAS.

O norte-americano Benjamin Moser, biógrafo da escritora brasileira Clarice Lispector, assume, esta quinta-feira, o papel principal no Festival Literário da Madeira (FLM), num encontro marcado para as 18h00, com a jornalista Raquel Marinho,

a ter lugar na sala vermelha do Teatro Municipal Baltazar Dias. O mote para esta conversa em dueto é uma das mais célebres frases escritas pela pena da própria Lispector: "A realidade é mais inatingível que Deus - porque não se pode rezar para a realidade".

Nascido em Houston, em 1976, Benjamin Moser fala fluentemente oito idiomas, entre estes o português, com sotaque brasileiro, muito por causa da paixão por Clarice Lispector, cuja narrativa surgiu de rompante durante os tempos de estudante universitário, quando estava ainda no segundo ano. A sua vida académica dividiu-se entre

as faculdades de Brown (Estados Unidos) e Utrecht (Países Baixos), onde se doutorou. O seu livro de estreia, 'Porquê este mundo: uma biografia de Clarice Lispector', recebeu vários prémios e nomeações, tendo sido editado e traduzido em inúmeros países, e contribuído de forma inequívoca para a expansão e estudo da obra da autora, nome incontornável da literatura brasileira, para lá dos círculos académicos.

Há mais de uma década que Benjamin Moser tem aberto os olhos e os ouvidos do mundo para o legado de Lispector, lutando para que o nome da escritora brasileira figure

no elenco dos grandes escritores modernos, já que este é, segundo Moser, "o seu devido lugar". Desde a década de 1950, os livros da autora já foram editados em mais de trinta idiomas.

Moser, que é também editor das novas traduções completas para o inglês da obra lispectoriana, colabora com o The New York Times, como colunista. Em 2016, publicou 'Autoimperialismo: Três ensaios sobre o Brasil' e deverá concluir em breve a biografia autorizada de Susan Sontag. Vive entre a França e a Holanda.

O terceiro dia do FLM traz a debate as grandes histórias da repor-

tagem de guerra, pela voz de quem conhece por dentro um dos lados mais negros do mundo. Os jornalistas Cândida Pinto, Paulo Moura e Carlos Fino são os protagonistas que se seguem, sentando-se à mesa do palco principal, às 18h00 desta sexta-feira. O mote é uma citação do também jornalista e escritor Ryszard Kapuściński: "O mundo está à espera de uma grande história, de um furo jornalístico, de uma narrativa sensacional escrita debaixo de uma chuva de balas." A moderar a conversa estará Paulo Jardim.

À noite, a literatura junta-se à música, num dos principais pontos altos da programação, o concerto 'Quando se ama loucamente', de Aldina Duarte, momento que marca a estreia da fadista na Região, para ouvir a partir das 21h30, no Baltazar Dias. Os bilhetes custam 20 euros.

O Festival termina no sábado, dia 17, estando programados para a despedida outros três encontros. O primeiro, que terá lugar pelas 15h00, junta Frei Bento Domingues, Esther Mucznik e David Munir numa reflexão em torno da atual situação de Jerusalém, sob a moderação de João Céu e Silva; o segundo, previsto para as 16h30, leva ao palco Otessa Moshfegh, José Gardezabal e Clara Ferreira Alves, com Nuno Seabra Lopes a moderar, e o terceiro e último encontro toca diretamente no tema do certame, 'Jornalismo e Literatura', juntando o espanhol Javier Cercas e o peruano Daniel Alarcón. Maria João Costa será a moderadora. JM